

## **A ARTE DE TER RAZÃO: DIALÉTICA E ERÍSTICA EM ARISTÓTELES E SCHOPENHAUER**

**Aluno: Caetano Penna Franco Altafin Rodrigues da Cunha**

**Orientadora: Bethânia de Albuquerque Assy**

### **Introdução**

A história do pensamento filosófico é repleta de questionamentos sobre a real isenção do pesquisador no processo cognitivo. Aristóteles, precursor da categoria dialética de raciocínio [1], a adota como método de inquirição da validade de proposições, em que o atendimento aos pressupostos relacionados ao encadeamento de sentenças é condição necessária ao alcance da verdade real [1] [2]. Dentre tais pressupostos imprescindíveis ao desenvolvimento do raciocínio dialético, tal como formulado por Aristóteles, destaca-se a fidelidade que os contendores devem possuir na busca pela verdade objetiva das coisas [3].

Impossível dissociar qualquer filósofo de seu tempo histórico [1]. São as influências que aqueles com quem cada autor dialogou exerceram sobre a sua produção que nos ajudam a compreendê-lo em seus propósitos e motivações. O estudo do raciocínio dialético em sua concepção aristotélica não excepciona essa regra. O entendimento dos 388 lugares elaborados por Aristóteles em “Tópicos” na estruturação do seu raciocínio dialético, acrescidos à forma de apêndice que a obra “Dos Argumentos Sofísticos” possui em relação àquela, remete-nos tanto ao tempo de Aristóteles, como àqueles a quem o filósofo endereçou ambas as obras [4]. É dessa mesma perspectiva que outros autores que operaram com o conceito de dialética devem ser compreendidos.

Os críticos da adequação do método dialético à finalidade que lhe atribui Aristóteles, ou ao alcance da verdade objetiva das coisas, controvertem a premissa maior em que autor se baseia em “Tópicos” para a estruturação da categoria dialética de raciocínio. No século XIX, muitos filósofos questionaram a capacidade humana em, isentamente, valorar as proposições que se ofereça ou contra as quais se possa deparar. [3] Dentre os autores que operaram com o conceito de dialética, aproximando-o daquilo que Aristóteles classifica como a categoria erística de raciocínio, encontram-se Immanuel Kant e Arthur Schopenhauer. Segundo a concepção kantiana, o raciocínio dialético é compreendido como a arte sofística de disputar, distante de sua concepção original proposta por Aristóteles [3].

Neste estudo, discorre-se sobre os conceitos que dialética e erística apresentam nas obras aristotélica e schopenhaueriana à luz dos propósitos científicos de cada autor. Em especial, busca-se enfocá-los, a partir das influências que levaram Arthur Schopenhauer à adoção de um conceito crítico de dialética, distante de sua concepção original proposta por Aristóteles.

### **Objetivos**

A atualidade dos pensamentos de Aristóteles e Arthur Schopenhauer justifica-se pela aplicabilidade que o conceito de dialética desenvolvido por ambos os autores possui. O estudo integrado dos *topoi* que compõem a dialética aristotélica e dos estratagemas argumentativos desenvolvidos na dialética erística schopenhaueriana possibilita a busca pela verdade objetiva das coisas, em afastamento daquilo que somente aparente ser verdadeiro. Segundo o próprio Aristóteles, o estudo do que denomina dialética é adequado: “[a]o adestramento do intelecto, [à]s disputas casuais e [à]s ciências filosóficas” [1].

## Metodologia

O estudo dos conceitos de dialética e erística que ambos os autores utilizam foi realizada através do contraste das categorias de raciocínio classificadas por Aristóteles, em relação ao conceito de dialética erística desenvolvido por Arthur Schopenhauer. Para tanto, foram utilizadas obras de autoria dos próprios, bem como as de seus comentadores relacionadas à lógica aristotélica e, em especial, aos conceitos de dialética e de erística.

Essa pesquisa é dividida em duas partes principais. Na primeira, localiza-se a categoria de raciocínio dialética na lógica aristotélica [4] e são preliminarmente delineados os lugares ou tópicos do discurso, ou as relações que as proposições devem atender para se permitir o alcance da verdade real pelos contedores [1].

Em seguida, introduz-se o conceito crítico de dialética deslocado de sua concepção original por Immanuel Kant e tal como sistematizado por Arthur Schopenhauer, de acordo com os pressupostos adotados pelo autor para o que denomina dialética erística. Para Arthur Schopenhauer, o verdadeiro objeto da dialética é o estudo dos instrumentos de discurso utilizados, não a fim de se alcançar a verdade objetiva das coisas, mas sim para se ter sempre razão, independentemente do meio adotado “*per faz et per nefas*” ou da forma com que os contedores agem no discurso “*pro ara et focis*” [3].

## Conclusões

A principal diferença entre os conceitos aristotélico e schopenhaueriano de dialética diz respeito ao objeto que cada autor lhe atribui. Enquanto Aristóteles relaciona ao raciocínio dialético o estudo da substância e das relações entre as proposições que se faça no desenvolvimento do discurso, Arthur Schopenhauer a limita à análise das circunstâncias fortuitas e psicológicas que influenciam no desenvolvimento do que denomina dialética erística, ou a arte de se, aparentemente, ter razão.

Segundo o autor, inexistem as condições ideais de discurso imprescindíveis ao desenvolvimento do raciocínio dialético tal como sistematizado por Aristóteles, dentre as quais, destaca, a abstinência de julgamento prévio por parte dos contedores. Tem-se, pois, a dialética como a “esgrima intelectual para se ficar com a razão ao disputar”. [3]

Resta-nos a lição do próprio Arthur Schopenhauer: “Conseqüentemente, de cem pessoas, talvez haja uma com que valerá a pena disputar.” Aos restantes, deixemos falar o que bem entendam, pois: “*desipere est juris gentium*” (não ter juízo é um direito humano), considerado o que disse Voltaire: “*La paix vaut encore mieux que la vérité* (a paz é preferível à verdade) e conforme enuncia um ditado árabe: “Da árvore do silêncio pendem os frutos da paz” [3]. Afinal, é no silêncio que melhor se responde aos que tanto falam.

## Referências

1 - ARISTÓTELES. **Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos**, seleção de textos de José Américo de Motta Pessanha; traduções de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.A.Pickard. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 250 p.

2 - LUZASIEWICZ. Jan. **La Syllogistique d'Aristote dans la perspective de la logique formelle moderne**. Paris: Librairie Armand Colin, 1972. 61 p.

3 - SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Ter Razão: exposta em 38 estratégias**, organização e ensaio Franco Volpi; tradução Alexandre Krug e Eduardo Brandão, Revisão da Tradução: Karina Jannini, São Paulo, Martins Fontes, 2000. 180 p.

4 - SMITH. Robin et al., **The Cambridge Companion to Aristotle**, New York: Cambridge University Press, 1995. 64 p.